



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MAILING FELIX DE OLIVEIRA

**A SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES: uma análise comparativa entre a
perspectiva tradicional e a visão Linguística**

JOÃO PESSOA/PB

2021

MAILING FELIX DE OLIVEIRA

A SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES: uma análise comparativa entre a perspectiva tradicional e a visão Linguística

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Wellisten Abreu de Souza

JOÃO PESSOA/PB

2021

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

MAILING FELIX DE OLIVEIRA

A SEMÂNTICA DAS PREPOSIÇÕES: uma análise comparativa entre a perspectiva tradicional e a visão Linguística

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Letras, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Monografia avaliada em: _____/_____/2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Wellisten Abreu de Souza (DLPL-UFPB)
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Benício de Melo (DLPL-UFPB)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Leonor Maia dos Santos (DLPL-UFPB)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante (DLPL-PROLING-UFPB)
(Examinadora Suplente)

JOÃO PESSOA/PB

2021

RESUMO

A preposição é uma classe de palavras bastante produtiva em língua portuguesa. Embora, muitas vezes, o falante não se dê conta de sua utilização, este sujeito pode se ver em situações de uso diante de um cenário problemático: palavras “esvaziadas de sentido”, mas que parecem atuar decisivamente na construção do sentido de algumas frases/orações/períodos. O presente trabalho tem por objetivo comparar as bases da Gramática Normativa e o aporte teórico advindo da Linguística acerca do significado das preposições. Para tanto, do ponto de vista metodológico, serão pontuados aspectos desta classe gramatical, tanto na ótica dos estudos tradicionais/normativos quanto dentro dos estudos linguísticos, visando construir uma pesquisa bibliográfica de ênfase qualitativa através da qual seja possível vislumbrar um quadro satisfatório de descrição deste item gramatical no nível semântico. Como fundamentação teórica, no tocante aos estudos da Gramática Normativa, foram citados os autores Cegalla (2008), Lima (2020), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2017) e, na perspectiva Linguística, Bagno (2012), Ilari et al (2021), Martelotta e Palomanes (2013), entre outros. Como resultados, demonstra-se que o significado das preposições pode encontrar satisfatório percurso descritivo a partir dos pressupostos da Linguística Cognitiva, em que pese uma melhor compreensão frente ao uso linguístico dessa categorial gramatical, aspecto caro ao ensino da língua portuguesa. Em síntese, a compreensão semântica da preposição, de forma que possibilite ao falante/aluno uma reflexão sobre o uso dessas palavras em contextos reais de comunicação, converge para a competência Linguística apreçada nos documentos oficiais que norteiam a Educação Básica.

Palavras-chave: Preposições. Gramática Normativa. Compreensão Semântica.

ABSTRACT

The preposition is a very productive word category in Portuguese. Although the speaker doesn't often have awareness of its use, it is possible to see, in situations of use in face of this linguistic element, a problematic scenario: words "empty of meaning", but which seem to act decisively in the construction of the meaning of some sentences /phrases/periods. This paper aims to compare the bases of Normative Grammar and the theoretical contribution coming from Linguistics about the meaning of prepositions. Therefore, from a methodological point of view, aspects of this grammatical class will be pointed out, both from the perspective of traditional/normative studies and within linguistic studies, aiming to build a bibliographical research with a qualitative emphasis through which it is possible to glimpse a satisfactory description of this grammatical item in relation to the semantic level. As theoretical foundation, on the side of Normative Grammar studies, authors like Cegalla (2008), Lima (2020), Bechara (2009) and Cunha and Cintra (2017) were mobilized and, from a linguistic perspective, Bagno (2012), Ilari et al (2021), Martelotta and Palomanes (2013), among others. As a result, it is demonstrated that the meaning of prepositions can find a satisfactory descriptive path based on the assumptions of Cognitive Linguistics, despite a better understanding of the linguistic use of this grammatical category, an attractive aspect to Portuguese language teaching. In summary, the semantic understanding of the preposition, in a way that allows the speaker/student to reflect about the use of these words in real communication contexts, favors the linguistic competence proclaimed in the official documents that guide Basic Education.

KEYWORDS: Prepositions. Normative Grammar. Semantic Understanding.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 PREPOSIÇÃO: O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	10
1.1 Novíssima gramática da língua portuguesa – Cegalla	10
1.2 Gramática normativa da língua portuguesa – Rocha Lima	14
1.3 Moderna gramática portuguesa – Bechara	16
1.4 Nova gramática do português contemporâneo – Cunha e Cintra	19
2 AS PREPOSIÇÕES E OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS	24
2.1 Os significados das preposições nos estudos linguísticos	27
2.2 Alguns exemplos	34
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Estudando a língua através de Gramáticas Normativas e/ou Livros Didáticos (LD), o falante depara-se com a definição de preposição como *palavra que não possui significado em si mesma e que serve, apenas, para conectar as palavras*. Curioso é o fato de que são esses mesmos materiais que apresentam listas com vários sentidos, valores semânticos, efeitos de sentidos e outros termos sinônimos que uma preposição pode expressar.

Foi buscando entender esses sentidos listados nas Gramáticas e nos LD que esta pesquisa teve início. A partir de questionamentos como: se a preposição estabelece uma relação de sentido entre os termos que liga, qual a relação de sentido entre os termos *gosto* e *chocolate* em *Eu gosto de chocolate?* E entre *recorreu* e *madre superior* em *A garota recorreu à madre superior?*, nasceu o interesse pela temática.

A Gramática Normativa e os LD dão a explicação de que, nesses casos, (complementos verbais), a preposição tem seu significado esvaziado. Sendo assim, qual seria o significado (que foi esvaziado) das preposições *de* e *a* nos exemplos supramencionados? Qualquer falante de nossa língua pode facilmente concordar que todas as palavras têm um significado, mas será que saberiam responder qual o significado dessas?

A partir da hipótese de que a gramática normativa é o instrumento mais acessível para o falante do Português Brasileiro (PB) que deseja conhecer a língua de forma sistemática, sendo, também, o recurso utilizado para a elaboração de material didático, especialmente no caso das aulas de língua portuguesa que, notadamente, se mantém ainda muito afeitas às questões de ordem normativa, nossa problemática se estrutura em torno de averiguar se as Gramáticas Tradicionais/Normativas apresentam uma descrição satisfatória para a compreensão dos significados das preposições.

Partindo desta problemática, temos como objetivo geral comparar as bases da Gramática Normativa e o aporte teórico advindo da Linguística acerca do significado das preposições. Para que esse objetivo seja alcançado se faz necessário: i) demonstrar a classe gramatical das preposições, pontuando seus principais aspectos; ii) verificar o que algumas Gramáticas Normativas descrevem sobre seu significado, examinando se o conteúdo apresenta uma análise satisfatória para a compreensão semântica das preposições e iii) apresentar considerações advindas da Linguística sobre a temática em questão, fazendo um contraponto entre essas duas perspectivas de estudos da linguagem.

Sob a perspectiva dos estudos da Gramática Normativa, recorreremos aos seguintes autores: Cegalla (2008), Lima (2020), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2017) e, na perspectiva Linguística, Bagno (2012), Ilari et al (2021), Martelotta e Palomanes (2013), entre outros. Para demonstrar o significado das preposições, nós apoiamos nos pressupostos da Linguística Cognitiva, resenhados a partir da gramática de base cognitiva de Rodolfo Ilari e do Manual de Linguística de Eduardo Martelotta. A leitura dos princípios, conceitos e outros aspectos se deu de maneira indireta, devido ao fato de os livros teóricos serem escritos em inglês e não terem tradução em PB, impossibilitando, assim, o acesso direto a essas fontes. Logo, do ponto de vista metodológico, a pesquisa foi construída com base numa revisão de literatura, com viés qualitativo, para que pudéssemos alcançar o objetivo proposto.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: seguido da parte introdutória; no primeiro capítulo, é apresentada a classe de palavras das preposições sob a ótica dos estudos tradicionais/normativos; o segundo capítulo se constitui na apresentação das considerações da Linguística a respeito desta classe gramatical e da explicação do significado das preposições. Por último, são indicadas as considerações finais, em que foram retomados os principais pontos deste trabalho, e as referências consultadas.

1 PREPOSIÇÃO: O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Neste capítulo, observamos o tratamento dispensado às preposições em algumas gramáticas normativas, considerando as seções destinadas a esta classe gramatical. O objetivo, aqui, é reunir informações sobre o assunto em questão para possibilitar uma comparação com informações advindas de outras perspectivas de estudos, marcadamente, advindas da Linguística. Vale ressaltar que não é nossa pretensão desmerecer os estudos tradicionais, porém fazer alguns questionamentos, verificando algumas limitações em busca de caminhos para a compreensão de como se trabalhar esta categoria gramatical adequadamente nas aulas de língua portuguesa. Grosso modo, vale ressaltar que quando se lança um olhar mais apurado a um objeto de estudo, muitas vezes, juízos de valor são inevitáveis.

1.1 Novíssima gramática da língua portuguesa - Cegalla

Em apenas quatro páginas, Cegalla (2008) define, classifica e aponta os sentidos que as preposições podem expressar. O autor define as preposições como conectivos subordinativos que estabelecem entre o termo dependente e o termo subordinante relações como, por exemplo, relação de posse, de modo, de lugar, de causa etc. Eis a definição dada: “Preposição é uma palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal, estabelecendo uma relação entre ambos”. (CEGALLA, 2008, p. 268).

Dessa forma, é explicado, por meio dos exemplos: *A motocicleta de Cláudio era nova; Trabalhemos com alegria e Isabel mora em Niterói*, que as preposições *de*, *com*, *em*, ao ligarem as palavras *motocicleta/Cláudio*; *trabalhemos/alegria* e *mora/Niterói*, estabelecem relação de posse, modo e lugar, respectivamente. Porém, ao demonstrar que as preposições são conectivos subordinativos, o autor apresenta exemplos, enfatizando a função gramatical da preposição, sem explicar as relações de sentido ali estabelecidas.

Observemos os exemplos que o autor oferece:

Termo subordinante	preposição	termo dependente
Recorremos	a	Jerônimo.
Choravam	de	alegria.
Olhei	para	ele.
Esperamos	por	você.
A luta	contra	o mal.

Podendo o termo dependente ser uma oração:

Termo subordinante	preposição	termo dependente
Aconselhou-me	a	não o ler.

Do ponto de vista da reflexão semântica que se pretende ver presente no ensino dessa classe de palavras, esses exemplos foram vistos por nós como problemáticos. Primeiro, porque não se explicam quais relações de sentido são estabelecidas entre os termos ligados pela preposição e, segundo, porque se o leitor/estudante tentar inferir a relação, se verá diante de uma encruzilhada: Nos exemplos *Choravam de alegria* e *Olhei para ele*, pode-se vislumbrar as relações de causa e direção, mas qual seria a relação estabelecida entre os termos *recorremos* e *Jerônimo*, por exemplo? A gramática tradicional dá uma explicação de cunho sintático quando apresenta a preposição como conectivo subordinativo, esclarecendo que as preposições ligam “um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo entre ambos relações” (CEGALLA, 2008, p. 268), mas não explica a relação de sentido ou a falta de sentido (apenas a relação sintática) em relações como essa de *Recorremos a Jerônimo* e muitas outras como *Obediência aos pais*, *Pensei em você*, e a relação de sentido do verbo *gostar* em *Gosto de chocolate*.

Nos capítulos ou seções que tratam dos termos dependentes que as preposições introduzem, são encontradas explicações superficiais. Na seção do complemento nominal, temos apenas a informação de que “vem sempre regido de preposição” (CEGALLA, 2008, p. 354); na seção do adjunto adverbial, a informação é a de que “pode ocorrer a elipse da preposição antes de adjuntos adverbiais de tempo e modo: *(N)aquela noite, não dormi*; *(De) ouvidos atentos, aproximei-me da porta*. (CEGALLA, 2008, p.

364). Na seção do adjunto adnominal, encontramos em um quadro de observações, com estilo de rodapé (tamanho da fonte reduzido), a seguinte informação:

O adjunto adnominal formado por locução adjetiva representa o agente da ação ou a origem, pertença, qualidade de alguém ou de alguma coisa: o discurso do presidente, aviso de amigo, declaração do ministro, empréstimo do banco, a casa do fazendeiro, folhas de árvores, farinha de trigo, beleza das matas, cheiro de petróleo, amor de mãe (CEGALLA, 2008, p. 364).

Na seção sobre objeto indireto, encontramos a informação de que esta função sintática é sempre regida por preposição e que a preposição pode estar expressa ou implícita. Sendo os casos de preposição implícita aqueles em que o objeto indireto é representado pelos pronomes objetivos indiretos (átonos), como, por exemplo, em *Isto te pertence (Isto pertence a ti)* e nos demais casos, a preposição é sempre expressa e, como característica do objeto indireto, em que as preposições que podem ligar o objeto indireto ao verbo são: *a, de, em, para, com, por* e *contra* (CEGALLA, 2008, p. 353-354). Colocar a preposição como característica do objeto indireto e explicar na regência verbal que a preposição está ligada ao verbo parece contraditório. Outro questionamento é a falta da explicação do porquê apenas essas preposições podem ligar o objeto indireto ao verbo.

Esta digressão se fez necessária a partir do momento em que nos colocamos no lugar de um indivíduo que tenta entender os significados das preposições e busca explicações em materiais mais acessíveis. Outro motivo é pelo fato de que, ao buscarmos os significados das preposições, se a definição dada é a de que ela estabelece uma relação entre os termos que liga e entre esses termos estão os sintaticamente dependentes, nada mais justo do que verificar os conceitos e observações nestes, a fim de encontrar algo que explique os significados dessas palavras de forma substancial, e não apenas com uma lista de relações de sentidos.

Cegalla (2008, p. 269) mostra a divisão das preposições em essenciais e acidentais. As essenciais são palavras que sempre foram preposições: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*; e acidentais, palavras que funcionam como preposições, mas que pertencem a outras classes gramaticais: *conforme, consoante, segundo, durante, mediante, visto, como etc.* A gramática de Cegalla (2008) ainda apresenta as expressões que têm função de preposição. Essas expressões são chamadas de locuções prepositivas e sua formação, em geral, é advérbio ou locução

adverbial + preposição. Eis algumas delas: *abaixo de, acima de, além de, antes de, junto de, atrás de, através de* etc.

O autor também explica os processos de combinação e contração, em que as preposições *a, de, em* e *per (por)* se juntam a outras palavras para formar uma única palavra. O processo de combinação se dá quando a preposição se une a outra palavra, sem perder fonemas; o de contração se dá quando a preposição se une a outra palavra com perda de fonemas. Dessa forma, a preposição *a* une-se aos artigos e pronomes demonstrativos *o, os* e com o advérbio *onde*, formando: *ao, aos, aonde*. (CEGALLA, 2008, p. 271). Para o processo de contração, o gramático apresenta o seguinte Quadro 1:

Quadro 1: Contração das preposições *a, de, em* e *per*

a+a = à	de+o = do	em+o = no
a+as = às	de+ ele = dele	em+um = num
a+aquele = àquele	de+este = deste	em+esse = nesse
a+aquela = àquela	de+isto = disto	em+aquele = naquele
a+aquilo = àquilo	de+aqui = daqui	per+o = pelo

Adaptado de Cegalla, 2008, p. 271

A gramática também registra as contrações: com+a = coa; com +as = coas; para+o = pro; para+a = pra; para+os = pros; para+as = pras; de+entre = dentre.

O gramático afirma que “isoladamente, as preposições são palavras vazias de sentido, se bem que algumas delas contenham uma vaga noção de tempo e lugar”. (CEGALLA, 2008, p. 270). Aqui, podemos pensar nas preposições *sem* e *contra* como exemplos de palavras que, sozinhas, expressam um sentido e que esse sentido não é nem de tempo nem de lugar, mas de negação e oposição, respectivamente. Após essa afirmação, o autor apresenta uma lista com dezesseis relações que podem ser expressas pelas preposições. Seguem as relações de sentidos apontadas pelo autor:

Quadro 2: Lista de relações de sentido das preposições

Assunto: Falou <i>sobre</i> política.	Lugar: Moro <i>em</i> São Paulo.
Causa: Morreu <i>de</i> fome.	Meio: Viajei <i>de</i> avião.
Companhia: Jantei <i>com</i> ele.	Modo: Trajava <i>à</i> moderna.
Especialidade: Formou-se <i>em</i> Medicina.	Oposição: João falou <i>contra</i> nós.
Posse, pertença: Vi o carro <i>de</i> Mário.	Direção: Olhe <i>para</i> frente.
Fim ou finalidade: Trabalha <i>para</i> viver.	Origem: Descendia <i>de</i> família ilustre.
Instrumento: Feriu-se <i>com</i> a própria espada.	Falta: Estou <i>sem</i> recursos.
Tempo: Viajei <i>durante</i> as férias.	Matéria: Era uma casa <i>de</i> tijolos.

Adaptado de Cegalla, 2008, p. 270-271

Vimos esta lista como um contrassenso porque o autor primeiro diz que as preposições são vazias de sentido e, logo em seguida, apresenta uma lista com as relações de sentidos das preposições. Também julgamos esta lista um tanto pobre, dada a complexidade que envolve os sentidos que as preposições podem estabelecer. Não nos referimos, necessariamente, à quantidade de relações de sentidos, mas à quantidade de exemplos. Pensando nos propósitos da abordagem tradicional, acreditamos que a ideia de exemplificar cada preposição com as respectivas relações de sentidos estabelecidas, seria uma forma mais adequada para explorar a complexidade das preposições, já que, por exemplo, a relação de assunto pode ser expressa também pela preposição *de*: *Falou de política*, assim como a noção de direção pode ser expressa tanto pela preposição *para* quanto pela preposição *a*. conforme se pode perceber em: *Vou a/para Campina Grande*.

1.2 Gramática normativa da língua portuguesa – Rocha Lima

Lima (2020) divide, em sua gramática, o assunto preposição em duas partes. A primeira encontra-se no capítulo doze, com três páginas apenas, em que o autor define e classifica as preposições; a segunda parte encontra-se no capítulo vinte e cinco, que tem como título *Emprego da preposição*. É neste capítulo que encontramos os sentidos que as preposições apresentam. Para o gramático, as preposições são palavras que subordinam dois termos da frase, o antecedente e o conseqüente, de modo que o segundo explica o sentido do primeiro (LIMA, 2020, p. 231).

Dado o conceito de preposição, o autor classifica as preposições em essenciais: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre*, e acidentais: *exceto, durante, consoante, mediante, fora, segundo, tirante, senão, visto* etc., explicando que as preposições acidentais são aquelas palavras que não pertencem à classe, mas que podem funcionar como preposições. O gramático apresenta a locução prepositiva como “duas ou mais palavras que desempenham o papel de uma preposição [em que] a última palavra é sempre preposição” (LIMA, 2020, p. 232).

Com relação aos processos de combinação e contração, Lima (2020), assim como Cegalla (2008), apresenta um quadro descrevendo os processos. Acreditamos ser desnecessário sua transcrição, porque, além de se tratar de um aspecto das preposições que, aparentemente, não apresenta mudanças, ou seja, é muito provável que as gramáticas

normativas apresentem o mesmo quadro, o presente trabalho já contém (na seção 2.1) um quadro explicando os processos de formação que envolvem algumas preposições.

A gramática de Rocha Lima “tenta” uma divisão semântica das preposições. Usamos o termo “tenta” porque, ao dividir as preposições em fracas e fortes, o gramático não faz, exatamente, uma divisão – essa divisão não atinge todas as preposições -, apenas apresenta as preposições *contra*, *entre* e *sobre*, como preposições fortes, por guardarem certa significação em si mesmas e as preposições *a*, *com*, e *de*, como preposições fracas, por não terem “sentido nenhum, expressando tão somente, em estado potencial e de forma indeterminada, um sentimento de relação. No contexto é que se concretiza o valor significativo das várias relações que elas têm aptidão para exprimir”. (LIMA, 2020, p. 434).

Seguindo o raciocínio do gramático de apresentar como preposições fortes as que sozinhas exprimem um sentido, e como preposições fracas aquelas que podem exprimir várias relações a depender do contexto, nessa divisão, deveria conter, por exemplo, a preposição *durante*, como uma preposição forte, e a preposição *para*, como fraca. Um outro ponto questionável dessa tentativa de classificação semântica é o fato de que o gramático afirma que as preposições fortes têm um significado em si mesmas, mas não diz quais são esses significados¹ e não aprofunda a explicação a respeito dessa diferença entre forte e fraca (entre as que têm significado em si e as que não têm), ou seja, não diz o porquê. Por fim, do ponto de vista analítico, advoga-se que os termos utilizados para esta divisão, forte e fraco, não são os mais adequados do ponto de vista semântico, dada a vagueza que carregam, o que pode prejudicar a descrição/classificação apresentada.

Antes de expor o papel e o significado que cada preposição pode expressar quando relaciona dois termos da frase, o autor explica que o termo “antecedente pode ser um substantivo, um adjetivo, um verbo, um advérbio e algumas interjeições; mas o conseqüente há de ser sempre um conceito substantivo (expresso por substantivo, pronome, infinitivo, oração substantiva, ou palavra substantivada)” (LIMA, 2020, p. 432).

O autor apresenta os valores expressos pelas preposições em um total de trinta e uma páginas, isso porque trata das preposições uma a uma, atitude que julgamos acertada.

¹ Algumas preposições (*entre*, *sem*, *sob* e *sobre*) são colocadas pelo autor no topo da lista dos sentidos de cada uma delas, o seu sentido de base. Porém, não menciona, não explica. Sabemos que se trata do sentido de base porque estudamos, mas, para um falante/estudante, será apenas o primeiro item de uma lista. Ele não tem como inferir uma hierarquia, sem a ampliação do conhecimento linguístico.

Contudo, o autor não aborda nenhum outro aspecto que explique a origem desses significados²; o porquê as preposições, umas mais que outras, podem expressar vários sentidos ou o porquê, como afirma o autor, algumas preposições não apresentam significado em si mesmas. Julgamos acertada a atitude de apresentar as preposições, uma por uma, mas o não aprofundamento é um ponto questionável.

1.3 Moderna gramática portuguesa – Bechara (2009)

Bechara (2009) também define a preposição como unidade linguística que liga dois termos: um antecedente ou subordinante e um conseqüente ou subordinado, podendo o antecedente ser um substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição, e o conseqüente, podendo ser um substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio. Segundo o autor, a preposição “não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical de termo que ela introduz” (BECHARA, 2009, p.249). Dessa forma, em sentenças como *Marcelo gosta de sorvete*, a preposição *de* está introduzindo a função gramatical de complemento relativo (objeto indireto), e em expressões como *homem de coragem*, a mesma preposição está introduzindo a função gramatical de adjunto adnominal.

O gramático explica, de forma bem didática, o caráter gramatical das preposições. Na função relacional, que pode ser vista no exemplo *Marcelo gosta de sorvete*, a preposição *de* está relacionando dois termos: a forma verbal *gosta* e o substantivo *sorvete* – o antecedente e o conseqüente -, estabelecendo entre esses termos uma subordinação, ou seja, o termo conseqüente está completando o sentido do termo antecedente. A outra função gramatical é explicada com o exemplo *homem de coragem*. Com esta expressão, o autor explica a função “transpositora” das preposições, afirmando que “a preposição é um transpositor, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce” (BECHARA, 2009, p.249). Dessa forma, temos a explicação para o substantivo *coragem*: ele está servindo de adjetivo para o substantivo *homem*: a preposição *de* está modificando sua identidade gramatical, permitindo que funcione como um adjetivo, caracterizando o termo subordinante. Vale salientar que a função “transpositora” não exclui a função

² Apenas as preposições *desde*, *em* e *por*, contém, em suas subseções, notas etimológicas. Se todas as preposições têm uma história, então por que o autor trata, aleatoriamente, apenas da história de três?

relacional, visto que não deixa de ser, também, uma relação entre termos ligados por uma preposição.

Entendemos que é a preposição que habilita o termo conseqüente a exercer a função gramatical, ou seja, na expressão *homem de coragem*, é a preposição *de*, que se junta com o substantivo *coragem*, fazendo com que este atue como adjetivo, podendo, assim, exercer o papel de adjunto adnominal. O processo é semelhante em *Marcelo gosta de sorvete*, em que a preposição *de*, se junta ao substantivo *sorvete* e o conjunto *de sorvete* é identificado como o objeto indireto.

Diferente de Cegalla (2008) e Lima (2020), Bechara (2009) assume que as preposições possuem um significado unitário “que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo” (BECHARA, 2009, p. 250). Isso explica o porquê se entende *com a Rosa*, em *Everaldo cortou o pão com a Rosa*, como uma acepção de ajuda ou companhia, e não como um sentido de instrumento utilizado para cortar o pão. O significado de ajuda ou companhia é construído com os significados de cada item lexical, somados ao conhecimento de mundo e de língua do falante, ou seja, o falante sabe o que significa pão, sabe o que significa cortar e sabe que Rosa, que está grafado com letra maiúscula, referindo, portanto, um substantivo próprio que nomeia um ser, trata-se, aqui, de uma pessoa, um ser animado e que, por isso, não é entendido como um instrumento.

Bechara (2009) explica da seguinte forma

A língua portuguesa só atribui a *com* o significado de copresença. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas [é o que] nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária (BECHARA, 2009, p. 251).

Assim, o autor defende a ideia de significado fundamental das preposições, dando o exemplo da preposição *com*, que é entendida como uma preposição que pode estabelecer as relações de instrumento, modo, companhia, causa e oposição. A argumentação é a de que a preposição *com* por si não significa instrumento, modo etc., mas que chegamos a essas acepções através de nossa experiência de mundo. A noção de copresença pode ser entendida como a presença do instrumento ou da companhia, por exemplo, no ato da ação. Em *cortei o pão com a faca*, a *faca* serve como instrumento porque está presente no ato da ação. Em *estudei com prazer*, o *prazer* está presente no ato

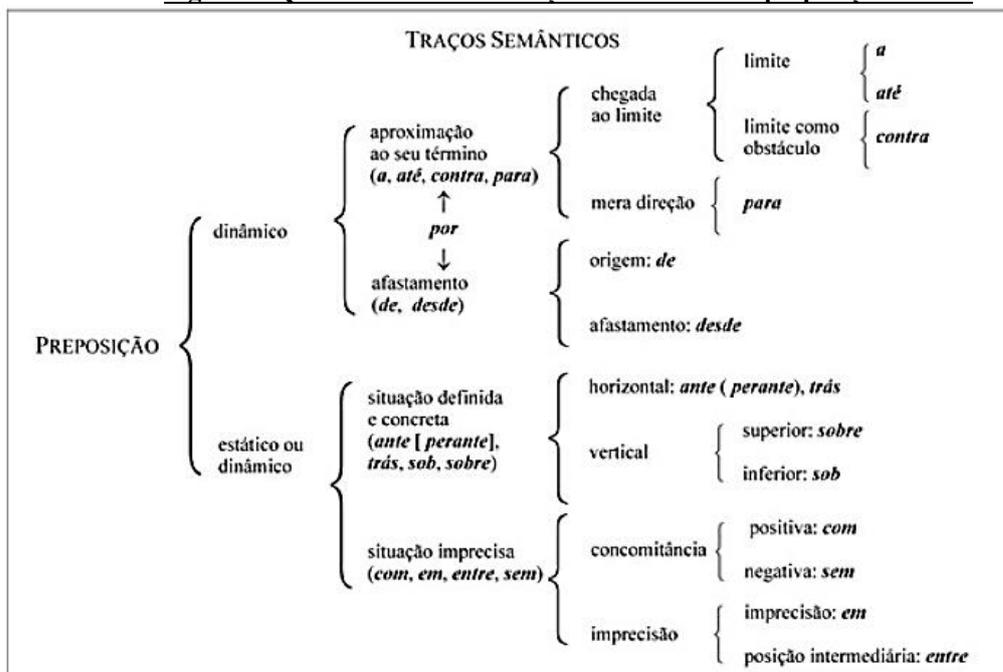
de estudar, representando o modo como essa ação se deu – de forma prazerosa. Em *fugiu com medo do ladrão*, a presença do *medo* causou a ação de fugir.

Bechara (2009) apresenta o ponto de vista semântico das preposições:

O sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois campos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo (BECHARA, 2009, p. 251).

Assim sendo, entende-se que o campo dinâmico apresenta noções dos movimentos de aproximação ao ponto de chegada (chegada a um limite, a um limite como obstáculo, ou mera direção), e o movimento de afastamento que pode ser, também, um afastamento da origem/ponto de partida. Já no campo estático ou dinâmico, as preposições, deste campo, marcam situações definidas e concretas, nos eixos horizontal e vertical (superior e inferior); marcam também as situações imprecisas como uma posição intermediária e a concomitância (positiva ou negativa); e, no traço dinâmico, marcam as noções de afastamento e afastamento da origem. A seguir, apresenta-se quadro com o resumo dos traços semânticos das preposições, conforme visão de Bechara (2009):

Figura 1: Quadro resumo dos traços semânticos das preposições do PB



Fonte: (BECHARA, 2009, p. 253)

Em relação à forma das preposições, Bechara (2009) separa das locuções prepositivas (advérbio ou locução adverbial + preposição), as construções com duas preposições, as quais chama de “acúmulo de preposições”. O autor faz essa divisão porque entende que construções como *por sobre*, *por entre* não são equivalentes a uma preposição simples. Nestes casos, argumenta o autor, são considerados os significados das duas preposições.

Como se pôde observar, a gramática de Bechara (2009) se diferencia por apresentar o significado de base de cada preposição e que, a partir desse significado, surgem outros que são construídos, nas situações de uso, pelo conhecimento de mundo do falante. Apesar do significativo avanço, faltou, em nosso entendimento, a explicação de onde vem esse significado de base e quais fatores estão envolvidos nos desdobramentos desses sentidos.

1.4 Nova gramática do português contemporâneo – Cunha e Cintra

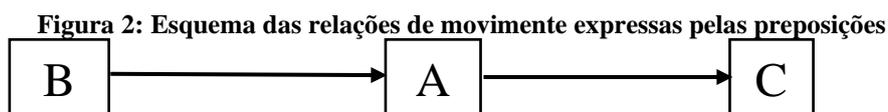
Para Cunha e Cintra (2017), as preposições são “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente)” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 569). Os autores também classificam as preposições nos níveis sintático, dividindo-as em essenciais e acidentais; fonológico, explicando os processos de combinação e contração, e no morfológico, distinguindo as preposições simples das compostas, sendo as simples, as preposições que contêm uma única palavra, e compostas, aquelas com mais de uma palavra, mais conhecidas como locuções prepositivas.

Julgamos desnecessário apresentar esses quadros, visto que se trata de informações que não divergem de uma gramática para outra (das gramáticas apresentadas, aqui, até o presente momento). No entanto, os autores apresentam uma explicação do conteúdo semântico das preposições, dividindo-as em dois blocos: as que expressam relação de movimento e as que expressam relação de situação (não movimento), sendo essas relações aplicáveis aos campos espacial, temporal e nocional. Nas palavras dos autores,

embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante (ausência de movimento) e aplicável aos

campos espacial, temporal e nocional (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 572).

Para exemplificar a relação de movimento, são utilizadas as sentenças *Vou à Roma*, em que a preposição *a* indica um movimento de aproximação a um ponto limite – *Roma*; e *Todos saíram de casa*, em que a preposição *de* indica um movimento de afastamento de um ponto limite. A relação de movimento expressa pelas preposições podem ser verificadas na Figura 2:



Fonte: Adaptado de (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 571).

A relação de movimento aplicada ao tempo pode ser vista em *Trabalharei até amanhã*, em que a preposição *até* exprime a ideia de movimento no tempo, sendo esse movimento de (B para A), ou seja, movimento de aproximação de um ponto limite situado no tempo; e para o movimento de (A para C), é apresentada a sentença *Estou aqui desde ontem*, com a preposição *desde* expressando a relação de movimento com afastamento de um ponto limite situado no tempo. A relação de movimento aplicada à noção é apresentada em *Foi para o Norte*, com a preposição *para* expressando a noção de direção com o movimento de aproximação (B para A); e *Saíram pela porta*, com a preposição *pela*, expressando a noção de direção com o movimento de afastamento.

Para exemplificar a relação de situação (não movimento), são apresentadas a sentença *Chorava de dor* e a expressão *Livro de Pedro*, aplicadas à noção. Dessa forma, fica claro que a relação é nocional quando apresentam outras noções diferentes de tempo e espaço. Em *Chorava de dor*, a preposição *de* estabelece entre seus termos a noção de causa; em *Livro de Pedro*, a noção é de posse.

Os autores apresentam um esquema das relações de movimento e situação aplicadas ao tempo, espaço e noção, vejamos:

Figura 3: Esquemas de noções relativas aos sentidos das preposições



Fonte: (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 572)

Cunha e Cintra (2017) demonstram diferenças entre as relações sintáticas das preposições, dividindo-as em necessárias e livres. As relações necessárias são “quando as preposições relacionam ao termo principal um conseqüente sintaticamente necessário” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 575), ou seja, a preposição é obrigatória para que, sintaticamente, os termos estejam em relação. Como exemplo: Gosto *de* chocolate. Obediência *ao* mestre. Feito *por* mim. Fui *à* praia. Os autores explicam que, nesses casos, “intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 575).

Em casos como *Fui à praia*, em que o adjunto adverbial é um termo necessário, os gramáticos explicam, em nota de rodapé, que a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB) não considera o complemento direcional de verbos intransitivos de movimento como um complemento necessário para o entendimento da oração, sendo considerado como termo acessório. Os autores julgam necessário que a NGB revise esse ponto.

As relações livres se dão quando a presença da preposição é possível, mas não é obrigatória, ou seja, sintaticamente não faz diferença, já semanticamente, sim. Como exemplo: *Encontrar com um amigo* ou *Encontrar um amigo*, em que a preposição *com* estabelece a ideia de associação, ideia que, segundo os autores, é “a ideia fundamental da preposição *com*” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 572).

É confusa a maneira como os autores apresentam o significado das preposições: primeiro, afirmam que cada preposição tem uma significação fundamental, mas só explicam esta significação fundamental de duas preposições: *de* e *com*; segundo, deixam de colocar as preposições no esquema que apresentam, distribuí-las, para facilitar a compreensão dessa divisão entre movimento e situação. Além desses fatores, julgamos que os sentidos das preposições apresentados por Cunha e Cintra (2017), ao tentarem

simplificar, acabam por dificultar a compreensão do falante/estudante, porque, ao contrário dos outros gramáticos, aqui apresentados, Cunha e Cintra (2017) não nomeiam as relações de sentidos (posse, causa, finalidade, direção, companhia etc.). As subseções de cada preposição estão divididas exatamente como a Figura 3 é estruturada.

Se pensarmos em um falante/estudante que, desejando entender o significado das preposições, inicie seus estudos com a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha e Cintra, podemos supor que ele terá dificuldades. Não estamos subestimando o falante/estudante, estamos apenas apontando limitações do tratamento que não facilita a compreensão.

Ao analisar essas gramáticas, ficou clara a ideia de que não oferecem consistência para a compreensão semântica das preposições. Cegalla (2008) é sumário. Rocha Lima (2020) inicia uma discussão semântica, ao dividir as preposições em fortes e fracas, porém não aprofunda. Cunha e Cintra (2017) apresentam uma significação fundamental, todavia, de forma confusa. Bechara (2009) se diferencia dos demais gramáticos, por se aproximar de uma descrição semântica mais substancial, visto que apresenta um significado “unitário”, “primário” para as preposições, e menciona o desdobramento deste em outros que estão relacionados ao conhecimento de mundo do sujeito/falante. Excetuando a gramática de Bechara (2009), com as devidas ressalvas, julgamos que as demais não contribuem para uma reflexão acerca do significado das preposições para o funcionamento da linguagem.

De um modo geral, o objetivo da Gramática Tradicional, de ênfase normativa, é descrever a estrutura e o funcionamento da língua, e ao descrever, prescreve como deve ser usada. Em outras palavras, a gramática tradicional não está centrada em estudar o significado, mas sim prescrever uma forma de dizer/escrever, com ênfase específica na sintaxe. No caso das preposições, elas descrevem o contexto sintático em que esses itens gramaticais atuam, atribuindo uma relação de sentido possível entre os termos que ligam. É neste sentido que as Gramáticas Tradicionais trazem listas de relações de sentido para explicar o funcionamento das preposições. Não estamos descartando essas listas. Ao contrário, vemos um ponto positivo na quantidade de sentidos listados, que é, como afirma Lopes (2017), o de evidenciar o potencial de criação e de manutenção de sentidos das preposições, porém ressaltamos a importância de se refletir sobre estes sentidos, sobre o modo como eles contribuem para produzir significados.

Aqui, cabe uma pergunta: o que seria, então, a compreensão semântica das preposições? Basicamente, compreender a semântica das preposições é entender como o

seu emprego contribui para a construção de sentido do que se diz. Tal entendimento só é possível através de uma reflexão que explore o potencial de significação dessas palavras.

No próximo capítulo, apresentaremos como os estudos linguísticos caracterizam as preposições e como explicam o seu significado e as relações de sentidos que promovem.

2 AS PREPOSIÇÕES E OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Neste capítulo, será possível ampliar o conhecimento acerca das preposições, observando esta classe sob a ótica dos estudos linguísticos, que, diferentemente da perspectiva normativa, descrevem e analisam, como explicam Cunha et al (2013), a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico, sem se preocupar em descrever regras de uso para este sistema.

Começamos, pois, com a definição de preposição apresentada nesses estudos. De acordo com Ilari et al (2021), a Linguística define as preposições como predicadores relacionais, em que um objeto ou evento é localizado em um outro objeto ou evento tomado como ponto de referência. Esta definição está ligada ao sentido básico das preposições, explicado, pela Linguística, como sentido de base espacial, ou seja, as preposições são recursos que expressam a localização de objetos/eventos no espaço (ILARI et al, 2021, p. 206).

Assim como os estudos tradicionais, a Linguística considera as preposições como introdutoras de argumentos e adjuntos. Devemos entender os argumentos como “os termos sem os quais um verbo não forma uma unidade sintática completa”, e os adjuntos como “os termos que especificam o evento descrito pelo verbo mais seus complementos” (ILARI et al, 2021, p. 173). Em outras palavras, os argumentos são os casos de complementos, explicados nas gramáticas normativas como elementos necessários à oração, porque completam o sentido do verbo ou do nome, e os adjuntos são os elementos acessórios, que exprimem circunstâncias, podendo ser retirados da oração, sem prejudicar o seu sentido.

Além das funções de introduzir argumentos e adjuntos, Ilari et al (2021) explicam que o sintagma preposicional pode funcionar como predicativo do sujeito ou do objeto e como aposto; e que entender essas diferentes funções sintáticas do sintagma preposicional equivale a entender as diferentes possibilidades sintáticas de cada preposição, e que essas diferenças estão relacionadas à natureza sintática das palavras de que o sintagma preposicional depende, assim como na estrutura deste.

A Linguística explica que as preposições envolvidas no ambiente de complementação são itens funcionais, isso porque nenhuma relação de sentido está aparente³; já no ambiente de adjunção, as preposições são vistas como itens lexicais, visto

³ Essa explicação, nas Gramáticas tradicionais, se dá em termos de considerar a preposição no ambiente de complemento como semanticamente vazia.

que uma relação de sentido está aparente⁴. Em termos mais técnicos, “no processo de complementação, quem seleciona a preposição é a palavra ou sintagma a ser completado; no caso da adjunção, a escolha da preposição depende da natureza do adjunto” (ILARI et al, 2021, p. 176).

Estas características explicam o fato de alguns verbos e nomes só aparecerem juntos a determinada preposição, como, por exemplo, *gostar de, pensar em, concordar com, fiel a* e etc. Nesses casos, os estudos linguísticos afirmam que a preposição é inerente ao sentido do verbo, tanto é, que alguns autores, como Cançado (2003) defendem que a preposição acompanha a entrada lexical do verbo.

De um outro ângulo, podemos pensar nas preposições inerentes ao verbo como uma estrutura fixa, ou seja, no ambiente de complementação, a preposição não pode ser modificada, *Maria gosta de chocolate – *Maria gosta com/para/em chocolate; João depende de ônibus - *João depende para/em/com;* diferentemente dos casos de adjunção, em que “podemos mudar as preposições, de acordo com o sentido desejado, e, naturalmente, de acordo com as compatibilidades lexicais” (CANÇADO, 2003, p. 38), como, por exemplo, nas seguintes construções:

Eu gosto de sorvete COM/SEM granulado.

Eu gosto de sorvete COM você.

Eu gosto de sorvete NO copo/Na taça/Na tigela.

Eu gosto de sorvete NO/Durante o almoço.

Eu gosto de sorvete PARA refrescar.

De um modo geral, a Linguística explica vários aspectos das preposições através do conceito de gramaticalização. Bagno (2012) define gramaticalização como “a produção de novos recursos gramaticais a partir de (re)processamentos cognitivos, por parte dos falantes, impostos aos recursos gramaticais já existentes. Desses processos cognitivos, o mais destacado é a metáfora” (BAGNO, 2012, p. 170).

O fenômeno da gramaticalização permite à Linguística “negar a existência de classes gramaticais fechadas em si mesmas e com limites bem definidos” (BAGNO, 2012,

⁴ Nas Gramáticas tradicionais, são apresentadas as famosas listas de significados que as preposições podem expressar.

p. 487). A partir da noção de protótipo, os estudos linguísticos demonstram a fluidez das classes gramaticais, em que dentro de uma classe gramatical existem as formas mais prototípicas, que compõem o núcleo da classe, junto a outras formas que ocupam os pontos periféricos, podendo facilmente entrar no domínio de outra classe, ou até mesmo deixar de existir.

As preposições ilustram essa noção prototípica, junto com o processo de gramaticalização, na medida em que apresentam, naquele grupo fechado, citado pela gramática normativa, além das palavras prototípicas/centrais (*a, de, em, para, com e por*), palavras que já deixaram de ser usadas (*ante, trás*), e palavras que ainda não são definitivamente preposições, como, por exemplo, *sob e sobre, conforme, durante, exceto* etc. Dessa forma, os estudos linguísticos classificam as preposições não como uma classe fechada, mas como preposições mais gramaticalizadas e menos gramaticalizadas (ILARI et al, 2021, p. 183). Assim, as preposições mais gramaticalizadas, ou seja, as centrais, são aquelas que “têm significados bastante fluidos [...], que adquirem sentidos mais definidos de acordo com seu uso e com as palavras que elas conectam” (BAGNO, 2012, p. 488), e as preposições mais periféricas são aquelas que

embora funcionem sintaticamente como preposições, ainda estão, do ponto de vista semântico, com um pé em outras classes, seja porque se originaram delas (como as que vieram de verbos e de adjetivos) ou porque seu significado já inclui noções bem nítidas de tempo, espaço, movimento e modo, o que leva elas (sic) para mais perto dos advérbios (BAGNO, 2012, p. 488).

Devemos, pois, entender a gramaticalização como um processo de mudança Linguística em que um item lexical passa a ser um item gramatical. Essa passagem é uma espécie de *continuum*, em que, aos poucos, um item lexical vai se tornando cada vez mais fixo até se tornar um item funcional. Para demonstrar o *continuum* do processo da gramaticalização, podemos observar, por exemplo, o comportamento das preposições *sem* e *sobre*, em que a preposição *sem* possui “instrumentalidade sintática” restrita, porque, ainda, é restrita sua semântica, visto que só é empregada com o sentido básico de “privação”, “falta”, “ausência”; já a preposição *sobre* está ampliando seu campo de ação, visto que é encontrada em relações gramaticais mais abstratas - *falar sobre; pensar sobre* (BAGNO, 2012, p. 861-862).

Como exemplo de preposição gramaticalizada, citamos a preposição *de*, que está no topo da lista das preposições mais utilizadas nas construções do português brasileiro (BAGNO, 2012, p. 857), expressando as mais diversas relações de sentido e funções

sintáticas: *Destruição da cidade* (complemento nominal); *Carro de Pedro* (posse/adjunto adnominal); *Falei de você* (assunto/objeto indireto); *Livro de cem reais* (valor/adjunto adnominal) etc.

Com o objetivo de sintetizar o tratamento dado às preposições, elaboramos um quadro-resumo, mostrando as diferenças entre os estudos linguísticos e os estudos tradicionais/normativos, no que diz respeito ao conceito, à função gramatical, ao significado e à divisão em classe das preposições.

Quadro 3: Resumo à guisa de comparação: as preposições segundo os estudos tradicionais versus os estudos linguísticos

	Estudos Tradicionais	Estudos Linguísticos
Conceito de preposição	Palavra que liga dois termos de uma frase - um antecedente e um conseqüente -, de modo que o segundo completa o primeiro.	Predicadores relacionais, em que um objeto ou evento é localizado em um outro objeto ou evento tomado como ponto de referência.
Função Gramatical	Introduzir termos dependentes (complementos e adjuntos) e as orações subordinadas.	Introduzir complementos e adjuntos, sendo a preposição um item funcional no ambiente de complementação e no ambiente de adjunção um item lexical.
Divisão em Classe	As preposições são palavras invariáveis, ou seja, pertencem a uma classe fechada de palavras.	Divide as preposições em preposições mais gramaticalizadas e preposições menos gramaticalizadas.
Significado das preposições	Normalmente vista como vazia de significado.	As preposições possuem um significado de base espacial, e que a partir deste, chegamos a outras relações de significação, sendo considerado também aspectos contextuais.

Dados da autora, 2021

2.1 Os significados das preposições nos estudos linguísticos

Como foi possível observar, a visão da gramática normativa da língua, no que tange às preposições, dão ênfase às características sintáticas dessas palavras, abordando o conteúdo semântico, de forma não aprofundada, muitas vezes até dispensável/menor,

ou seja, focam na funcionalidade gramatical - relacionar palavras -, listando, apenas, os vários sentidos que são estabelecidos nessas relações. Ilari et al (2021) consideram que esse tratamento

sugere que as preposições são muito parecidas do ponto de vista sintático, e que cada preposição apresenta uma pluralidade de usos ou sentidos que não tem nada em comum entre si, ou seja, [...] que os vários usos de uma mesma preposição estão em relação de homonímia uns com os outros (ILARI et al, 2021, p. 164).

Essa relação de homonímia é, como diz Garcia (2018),

decorrente de um posicionamento centrado na dimensão sintática desses itens, que inevitavelmente sugere que sentidos distintos associados a um item lexical estariam em relação de homonímia, ou seja, que sentidos tão plurais não estariam relacionados entre si de modo algum (GARCIA, 2018, p. 54).

Ilari et al (2021) mostram que a perspectiva Linguística, de viés cognitivista, tem como alternativa considerar os usos das preposições em relação de polissemia, isso porque consideram que as preposições têm um significado de base e que, através de processos cognitivos, como, por exemplo, a metáfora, é possível relacionar os diferentes sentidos que uma preposição pode expressar.

Essa relação de polissemia que envolve os vários sentidos das preposições é explicado pela Linguística, como já antecipamos, através do conceito de gramaticalização que, por levar em conta aspectos diacrônicos, fornece informações sobre os processos de transformações pelos quais passaram essas palavras e sobre como essas transformações vão deixando vestígios de seus sentidos/usos. É dessa forma que a Linguística, mesmo com sua perspectiva sincrônica, explica, através do conceito de gramaticalização, que é possível relacionar os usos/sentidos atuais com os anteriores, o que caracteriza uma relação polissêmica, visto ser possível relacionar os vários sentidos a um sentido de base.

Para explicar os significados das preposições, Ilari et al (2021) se apoiam nas formulações da Linguística cognitiva. Segundo os autores,

um dos pressupostos do cognitivismo é que a linguagem é formatada pela cognição humana, que por sua vez busca recursos nas percepções características da espécie [...], nas experiências motoras básicas de que somos capazes [...] e nas experiências culturais. Os estímulos que recebemos dessas fontes organizam-se em bases de conhecimento de vários níveis (ILARI et al, 2021, p. 184-185).

Em outras palavras, os cognitivistas acreditam que é através de nossas experiências individuais (sensoriais e motoras) e sociais (que fornecem ao indivíduo informações das diversas situações e relações sociais) que vamos interpretando o mundo e construindo um sistema conceitual, ou seja, os significados são descritos com base nas experiências humanas (MARTELOTTA; PALOMANES 2013, p. 184).

Ilari et al (2021) afirmam que, para a descrição das preposições, é necessário distinguir três bases de conhecimento: 1) esquemas imagéticos; 2) Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) e 3) a língua, em que essas bases de conhecimento são operadas por habilidades cognitivas, sendo a comparação a mais central, isso porque permite entender e conceitualizar realidades mais abstratas em termos de domínios de experiências mais concretos (ILARI et al, 2021, p. 185). É neste sentido que podemos entender a expressão *Fulano está numa encruzilhada* como uma situação em que *Fulano* se encontra em um ponto crítico que exige uma decisão, isso porque o processo mental da comparação permite pensar termos mais abstratos a partir de situações mais concretas.

Para entender os esquemas imagéticos, Martelotta e Palomanes (2013) explicam que grande parte do nosso conhecimento é estruturado por padrões dinâmicos, não proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objetos e de interações perceptivas, ou seja, é a partir do contato físico/motor/sensorial que o indivíduo tem com o ambiente que estruturas cognitivas vão sendo formadas, e, a partir disso, extensões de sentidos podem ser estabelecidas, sendo as relações espaciais as que constituem um esquema imagético que serve de base para uma série de outras representações (MARTELOTTA; PALOMANES p. 186).

É neste sentido que Ilari et al (2021) focam nos esquemas espaciais, argumentando que o espaço “é uma experiência humana primordial, na qual convergem (i) a percepção da capacidade de movimento corporal e (ii) a percepção das coisas que rodeiam o ser humano como entidades únicas” (ILARI et al, 2021, p. 186). Dessa forma, os autores demonstram que os diferentes usos das preposições estão organizados em quatro esquemas espaciais que situam um elemento em relação a outro, a saber:

- 1) o esquema do trajeto, que seleciona apenas a dimensão horizontal;
- 2) o esquema de em cima/embaixo, que seleciona a dimensão vertical;
- 3) o esquema da caixa, que seleciona as dimensões que permitem que elementos estejam contidos ou não e

4) o esquema de ligação, que diz respeito à presença ou à ausência de elementos que estabelecem relação no espaço. Esses esquemas apresentam subdivisões, como será visto mais adiante.

Os Modelos Cognitivos Idealizados MCI's são definidos como “construções conceituais destinadas a enquadrar situações, um recurso mediante o qual formulamos nossa compreensão do mundo, consolidando as categorias que o descrevem e fixando o semantismo das expressões da língua” (ILARI et al 2021, p. 188). Como exemplo de MCI que envolve o uso de preposições como forma de categorizar a realidade, os autores apresentam o uso das preposições *a* e *de* junto a verbos de movimento, em que a preposição *a* é usada para indicar que o deslocamento do sujeito não é feito através de um veículo: *Maria foi a pé; Maria atravessou a baía a nado; O cavalo veio a galope*; e a preposição *de* indica que o deslocamento é feito por algum meio de transporte: *Chegou de ônibus; Viajou de carro; Andou de trem* etc.

Um dos motivos para os autores considerarem a língua como uma base de conhecimento necessária para representar os eventos é o fato de que a língua tem recursos lexicais, morfológicos e sintáticos, que fornecem um enquadre para a comunicação (ILARI et al, 2021, p. 190), ou seja, o falante vai se comunicar, escolhendo os elementos linguísticos para expressar o seu ponto de vista. Um bom exemplo que envolve as preposições são pares do tipo *Cheguei na Bahia* e *Cheguei da Bahia* que, em uma situação de relato de viagem, por exemplo, a escolha da preposição determina o enquadre dado pelo falante ao evento, se a ida ou se a volta. Isso porque, “os elementos linguísticos possuem a função de garantir a perspectiva que o falante quer transmitir no ato comunicativo” (MARTELOTTA; PALOMANES 2013, p. 183).

Se fizermos o exercício de pensar no espaço, tomando nosso corpo como o centro perceptivo, chegaremos aos seguintes pontos:

- 1) nossa posição no espaço, em que percebemos as coisas a nossa direita ou à esquerda, a nossa frente ou atrás de nós, em cima ou embaixo;
- 2) nossa disposição no espaço, em que percebemos se estamos dentro ou fora, e
- 3) nossa proximidade, em que percebemos as coisas próximo/perto ou distante/longe.

De acordo com a Linguística Cognitiva, isso se dá porque nosso pensamento é corporificado, ou seja, a estrutura e a organização do pensamento estão associadas à

estrutura do nosso corpo e às nossas restrições de percepção e de movimento no espaço (MARTELOTTA; PALOMANES, 2013, p. 181).

Dessa forma, a Linguística demonstra que a “percepção de determinadas relações espaciais forneceu o sentido original da maioria das preposições, e foi o ponto de partida para o desenvolvimento de sentidos novos, espaciais ou não” (ILARI et al, 2021, p. 202). O quadro abaixo mostra a organização do espaço em categorias (posição, abrangência, proximidade) que, por sua vez, são subdivididas em eixos espaciais.

Quadro 4: Aspectos da organização semântica das preposições em vista dos eixos espaciais

Categoria cognitiva	Organização da categoria cognitiva espaço	Subcategorias cognitivas	Preposições
ESPAÇO	Posição no espaço	Eixo Horizontal	À esquerda de, à direita de.
		Eixo Vertical	Superior: <i>sobre</i> ⁵ , por cima de, em cima de; Inferior: <i>sob</i> , embaixo de, por baixo de, debaixo de.
		Eixo transversal	Anterior: <i>ante</i> , antes de, diante de, em frente de, em face de, defronte de, defronte a, à frente de; Posterior: <i>atrás</i> (de), por trás de, após, depois (de), em pós de.
	Disposição no espaço	Eixo continente/conteúdo	Dentro: <i>em</i> , <i>com</i> , <i>entre</i> , dentro de, em meio de, em meio a; Fora: <i>sem</i> , fora de, na ausência.
	Proximidade no espaço	Eixo longe/perto	Proximal: <i>perto de</i> , <i>acerca de</i> , <i>a cabo de</i> , <i>junto de</i> , <i>a par de</i> , <i>em presença de</i> , <i>à beira de</i> ; Distal: <i>longe de</i> , <i>distante de</i> .
	Movimento no espaço ⁶	Ponto inicial	<i>de</i> , <i>desde</i> , <i>a partir de</i> .
		Ponto medial	<i>por</i> , <i>no meio de</i> .
Ponto final		<i>a</i> , <i>para</i> , <i>até</i> , <i>contra</i> .	

Adaptado de Ilari et al, 2021, p. 205.

Após a leitura do quadro acima, duas informações são necessárias. A primeira é a de que um mesmo elemento (preposição) pode ser inserido em mais de um eixo, como, por exemplo, a preposição *em*, que é inserida no eixo continente/conteúdo em construções

⁵ As preposições simples estão destacadas das locuções prepositivas.

⁶ Está ligado ao eixo horizontal, por implicar a imagem de um percurso, de um caminho que se faz no eixo horizontal.

do tipo *A blusa está na gaveta*, e, no eixo horizontal, em construções como *Vou no shopping*⁷. A segunda observação é a de que “a preposição é apenas um dos recursos que localizam objetos no espaço” (ILARI et al, 2021, p. 206), visto que temos outras classes que também representam relações espaciais. Os substantivos *topo* e *montante*; o adjetivo *alto*; os verbos *encimar* e *cobrir* e o advérbio *acima*, são exemplos de termos que expressam a ideia de posição superior, relacionada ao eixo vertical.

No eixo horizontal, as preposições “dispõem a figura em pontos específicos de um percurso hipotético ou imaginário: o ponto inicial, o ponto medial e o ponto final” (ILARI et al, 2021, p. 207). No eixo vertical, as preposições indicam que a figura está no plano superior ou inferior em relação ao ponto de referência. O eixo transversal se apoia “na orientação do corpo: olhando para frente se constrói o ESPAÇO ANTERIOR; olhando para trás se constrói o ESPAÇO POSTERIOR” (ILARI et al, 2021, p. 218). No eixo proximal/distal o uso das preposições “acarreta noções de copresença para o traço proximal, e de ausência para o traço distal (ILARI et al, 2021, p. 224).

Por último, o eixo continente/conteúdo. Nas preposições desse eixo, “a figura é considerada como um conteúdo que será localizado dentro do ponto de referência, interpretado como um continente, real ou imaginário” (ILARI et al, 2021, p. 228).

Como se pôde observar, o significado das preposições tem uma base espacial, isto é, representam, no plano linguístico, as relações espaciais, porém podem, a partir dessa base espacial, configurar outras bases, ou seja, outros esquemas imagéticos, como tempo, causa, finalidade etc. Cabe agora explicar o processo mental que faz com que o indivíduo ative um esquema de compreensão que foi construído a partir de experiências concretas para entender/explicar situações abstratas. Com relação às preposições, Ilari et al (2021) chamam esse processo de “uso metafórico de preposições”, isso porque a organização espacial representada pelas preposições é transposta para outro domínio, como, por exemplo, o domínio temporal (ILARI et al, 2021, p. 191).

Os autores explicam que, na transposição de esquemas, podemos ou não identificar o sentido de base da preposição. Nos casos em que se identifica o sentido original (espacial) da preposição, falamos em transposição de esquema com motivação aparente, como, por exemplo, em *Ouvir música para relaxar*, em que a preposição *para*

⁷ Ilari et al (2021) explicam que “Em português a preposição *em* tomou o lugar de várias outras preposições latinas. Emprega-se em no lugar de *para* ou *a*, com verbos de movimento, com acepção diretiva” (ILARI et al, 2021, p. 250).

está unindo duas orações, de modo que a segunda é compreendida como a finalidade da primeira.

Neste exemplo, podemos identificar o sentido original da preposição *para* e perceber como ele atuou cognitivamente no sentido transposto: a preposição *para* é identificada dentro de um esquema de trajeto como indicadora do destino/ponto de chegada. No caso em questão, o ponto de chegada não se trata de um ponto no espaço, mas de uma reação causada por algo. Em outras palavras, o esquema espacial de trajeto (movimento de um ponto de origem para um ponto de chegada) foi ativado para construir o pensamento de que se pode iniciar algo (ponto de origem) para alcançar um objetivo (ponto de chegada).

Para os casos em que o sentido original da preposição não é identificado, fala-se em transposição de esquema sem motivação aparente. Para esses casos, Ilari et al (2021) explicam que

não é qualquer preposição que pode combinar-se com qualquer verbo, substantivo, adjetivo etc., porque há uma motivação, ainda que atualmente “invisível”, por trás dessa combinação. Veja-se o verbo gostar, que sempre aparece acompanhado da preposição *de*. Dado que o verbo ocorre sempre com a mesma preposição, faz sentido dizer que ela é “vazia de sentido”? (ILARI et al, 2021, p. 170, grifo do autor).

Com esta citação, entendemos que a motivação cognitiva, que fez com que a preposição *de* fosse atrelada a certos verbos e nomes, foi perdida ao longo do seu processo de gramaticalização, isto é, os processos mentais não conseguem recuperar, como explicam Ilari et al (2021), a passagem que se deu entre o sentido de base e um sentido derivado por transposição. Entretanto, a Linguística Cognitiva traz a seguinte explicação

O esquema imagético da origem é o que justifica até hoje a preposição *de* que acompanha certos verbos psicológicos indicando o motivo ou causa de um estado de espírito: o caso mais óbvio, pela alta frequência, é o do verbo gostar (indicando o prazer que se extrai do contato com determinados objetos) [ILARI et al, 2021, p. 245].

Podemos, então, na construção *Eu gosto de chocolate*, interpretar o sintagma preposicionado *de chocolate* como o ponto de origem do gosto. Parece forçada essa interpretação, mas se pararmos para refletir, veremos que as experiências individuais envolvem emoções que, também, são armazenadas. Se quisermos recuperar o sentido de

base espacial da preposição *de*, nesse caso, temos que pensar no contato com os objetos como o ponto de partida para uma percepção afetiva (boa ou ruim).

2.2 Alguns exemplos

Neste capítulo, observaremos como é possível uma análise considerando esse modelo teórico, entendendo, portanto, como se dá a significação envolvendo as preposições.

Figura 1: Preposições “de”, “ao” e “após”

Novelas

Do sucesso ao sumiço dos holofotes! Após 27 anos, veja onde estão alguns atores de A Viagem atualmente



Veja por onde estão alguns atores de A Viagem nos dias de hoje

Fonte: <https://www.google.com/amp/s/www.otvfoco.com.br/do-sucesso-ao-sumico-dos-holofotes-apos-27-anos-veja-onde-estao-alguns-atores-de-a-viagem-atualmente/amp/>

O sentido prototípico da preposição *de* é o de ponto inicial, porque está ligado ao esquema imagético do trajeto – esquema que evoca a experiência do sujeito de se locomover de um lugar para outro. Em outras palavras, o significado da preposição *de* foi construído a partir da experiência física/motora de se locomover (no espaço) do lugar onde o sujeito está (ponto inicial) para outro lugar, também no espaço, onde o sujeito quer chegar (ponto de chegada). A partir desse esquema de compreensão, o indivíduo passou a usá-lo para entender/representar o movimento no tempo e outros movimentos em níveis

abstratos como, por exemplo, o movimento da vida, que se inicia com o nascimento e termina com a morte.

Isso quer dizer que o sujeito, para representar linguisticamente um movimento, seja ele concreto ou abstrato, ativa um esquema imagético - espacial -, ou seja, uma estrutura mental que permite pensar, a partir de relações concretas, relações abstratas. Isso explica o uso da preposição *de* nesta construção da língua, em que o sucesso é entendido como o início de um caminho na vida artística.

O que explica o uso da preposição *de*, nesta construção Linguística, é a possibilidade de o falante buscar, em seu funcionamento mental (memória, sistema conceitual etc.) uma noção, uma ideia já fixa, que possa ser aplicada para conceituar algo. Neste caso, a ideia de ponto inicial é aplicada à palavra *sucesso*, ou seja, o sucesso é, metaforicamente, o ponto inicial da relação entre atores e a novela (*A viagem*), como bem coloca Ilari et al (2021) “esta é exatamente a ideia de uma metáfora: um elemento que tem uma certa significação em certo contexto é transportado para outro contexto assumindo novas relações, mas mantendo traços daquela significação primeira”. (ILARI, et al, 2021, p. 170).

A mesma explicação vale para a preposição *ao* em *ao sumiço dos holofotes*: A preposição *a*, como explica Ilari et al (2021), tem seu significado de base construído a partir da experiência concreta de se locomover no espaço, podendo expressar ideias como direção, movimento para algum ponto e aproximação. Assim, esta preposição pode atribuir ao seu escopo a noção de ponto final de um percurso, que é, exatamente, o que ocorre no exemplo dado: a ideia de ponto final de um percurso é aplicada à palavra *sumiço*, que, metaforicamente, passa a expressar a noção do ponto final da relação entre atores e a novela. Observando as preposições *do* (de+o) e *ao* (a+o), na expressão como um todo *Do sucesso ao sumiço dos holofotes*, a ideia de caminho/percurso vem logo à mente. Podemos, então, dizer que se trata de uma transposição de esquemas com motivação aparente, visto que é possível chegar no sentido de base dessas preposições.

Ilari et al (2021) explicam que a preposição *após* é usada com muito mais frequência para indicar relações de tempo. Porém, é preciso ter sempre em mente que as relações temporais, assim como outras relações abstratas, são compreendidas/representadas a partir das relações espaciais. No caso da preposição *após*, seu uso ativa o eixo espacial transversal, sendo esse eixo conectado ao esquema cognitivo da visão, porque foi a experiência sensorial/motora de olhar para frente e para trás que permitiu construir as noções de espaço anterior e espaço posterior. Outra orientação seria,

de acordo com Martelotta e Palomanes (2013) que, no movimento de andar para frente, o sujeito construiu o pensamento de olhar os pontos da paisagem que se vai deixando para trás como pontos de referência ao que se passou (noção de passado) e os pontos que estão a nossa frente e que podemos atingi-los, como pontos para referenciar o futuro. Com isso, temos a explicação de que a preposição *após*, em *após 27 anos*, é usada para marcar a relação temporal entre os atores da novela e um ponto no tempo posterior (passado); marca a relação entre uma figura (os atores da novela) e um ponto de referência no tempo futuro (27 anos).

Ainda temos a presença da preposição *de*, em *alguns atores de A viagem*, que estabelece uma relação de parte-todo. A ideia de que, de todos os atores da novela A viagem, apenas alguns são mostrados na reportagem, remete a um esquema de compreensão baseado na percepção do próprio corpo sendo formado de partes. Assim, partindo da percepção do próprio corpo ser constituído de partes, o indivíduo percebe e compreende que espaços e objetos também são estruturas constituídas por partes/peças como, por exemplo, a casa, que é composta por cômodos, e o sofá que é formado por encosto, assento etc., cabendo ainda a compreensão de que se podem retirar partes desse todo.

Figura 2: Preposição “em”

Bolsonaro diz estar em dúvida entre três partidos para 2022

Presidente afirmou que tem até março para se
decidir à qual legenda irá se filiar

Fonte: <https://pleno.news/brasil/politica-nacional/bolsonaro-diz-estar-em-duvida-entre-tres-partidos-para-2022.html>

Quando se ouve a expressão “estar em”, é intuitivo pensar em uma localidade. De fato a preposição *em*, como explica Ilari et al (2021), é proveniente da preposição latina *in* que tinha os sentidos de ‘localização dentro de’ ou ‘deslocamento em direção a’. Podemos, então, concluir que, no presente enunciado, a preposição *em* projeta o sentido de ‘localização dentro de’. Esta preposição representa, no plano linguístico, relações

espaciais em que “a figura é considerada como um conteúdo que será localizado dentro do ponto de referência, interpretado como um continente, real ou imaginário” (ILARI et al, 2021, p. 228).

O uso do elemento *em* remete a um esquema de compreensão, que a Linguística Cognitiva chama de esquema Imagético de Contêiner, em que a experiência constitutiva é de perceber o corpo contido em um espaço e o próprio corpo como um espaço que contém. Depois, essa percepção é estendida para objetos e outros espaços concretos, como, por exemplo, a cozinha, que contém dentro de si o fogão, a geladeira etc. Nesse enunciado, podemos imaginar a dúvida como o espaço psicológico em que é possível alguém estar contido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de questionamentos acerca dos sentidos que as preposições podem expressar, iniciamos uma “busca” para entender a questão semântica dessa classe gramatical. Iniciamos essa busca a partir de gramáticas tradicionais/normativas, por acreditar que é esse o material mais acessível para o falante que deseja estudar a língua de forma sistemática e por ser também um recurso utilizado na elaboração de materiais didáticos.

Ao analisar algumas gramáticas normativas, estudamos a classe gramatical das preposições, explicando sua definição, função, classificação etc., porém a primeira observação pontuada, em relação à sua semântica, foi o caráter contraditório de considerar as preposições como “palavras vazias de sentido” e, em seguida, apresentar listas com relações de sentidos que essas palavras podem expressar.

Um tratamento, ao mesmo tempo homogêneo na medida em que a definição dada à preposição é a de que são palavras invariáveis que ligam dois termos - um dependente e um principal (CEGALLA, 2008); um antecedente e um conseqüente (LIMA, 2020), (BECHARA, 2009) e (CUNHA e CINTRA, 2017), em que o segundo termo serve de complemento ao primeiro -, e divergente, por não apresentar uniformidade nas definições e na quantidade das relações listadas.

Comprendemos, a partir do que é posto nestes materiais de estudo, que o aspecto semântico não possui e/ou encontra pouca relevância. No caso das preposições, o significado é colocado como contextual, sendo esse contexto o contexto sintático, ou seja, o significado da preposição depende das palavras que ela liga, sendo, muitas vezes, óbvia o tipo de relação por ser claro o sentido, principalmente dos verbos.

A partir do momento em que as gramáticas normativas apresentam as preposições como palavras sem sentido, descrevendo apenas sua função sintática, ou seja, seu funcionamento dentro da estrutura da língua, concluímos que não é possível vislumbrar, nestes materiais de estudo, um quadro satisfatório de descrição deste item gramatical em relação ao nível semântico. Isso porque, ao não apresentar explicações acerca do significado desses itens gramaticais, a abordagem tradicional, deixa de promover uma reflexão sobre o uso dessas palavras nos contextos reais de interação comunicativa, além de não favorecer uma reflexão sobre a contribuição desses itens no processo de construção do sentido que se quer expressar.

Não podemos deixar de mencionar a questão do ensino, ressaltando, que este tratamento dado ao significado das preposições é estendido aos livros didáticos que são escolhidos para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula. Como futura professora de língua portuguesa, levando-se em consideração os propósitos atuais da Educação Básica, podemos dizer que não encontramos uma explicação que auxilie a compreensão semântica dessa classe, de forma que possibilite ao falante/aluno uma reflexão sobre o uso dessas palavras em contextos reais de comunicação, ampliando a competência Linguística apreendida nos documentos oficiais que norteiam a Educação Básica do país.

Por outro lado, ao analisarmos as considerações advindas da Linguística acerca do tema em questão, concluímos que os pressupostos dos estudos linguísticos, de viés cognitivista, tecem um percurso descritivo mais satisfatório para a compreensão semântica das preposições. Isso porque apresentam um significado de base para cada preposição, explicando como esse significado foi construído e como o processo dessa construção contribui para formar outros sentidos.

Ilari et al (2021) explicam que a Linguística Cognitiva entende a localização como o sentido básico das preposições, isso quer dizer que as preposições são as responsáveis por representar, no plano linguístico, as relações espaciais. Por esse motivo, os autores explicam que, no nível sintático, a relação expressa pelas preposições localizam um objeto ou evento no espaço, tomando outro objeto ou evento, também no espaço, como ponto de referência.

É através de conceitos como os de Esquemas Imagéticos e Modelos Cognitivos Idealizados que a Linguística Cognitiva demonstra, entre outros fatores, como o sentido de base espacial das preposições foram construídos e como o uso desses itens remete a um esquema mental de compreensão que permite ao falante entender e conceituar situações mais abstratas.

Demonstrando que, a partir das experiências individuais e sociais, os sujeitos vão interpretando o mundo e construindo um sistema conceitual, Ilari et al (2021), Martelotta e Palomanes (2013) explicam que a Linguística Cognitiva entende que o espaço é uma das primeiras experiências humanas, através da qual o indivíduo vai percebendo tudo ao seu redor e se percebendo como um centro de onde se puxam vários eixos (horizontal, vertical, transversal etc.). Essas experiências formam estruturas cognitivas em um nível pré-verbal que vão permitir, no nível linguístico, tanto a expressão de relações espaciais quanto o desenvolvimento de outros sentidos, via processos cognitivos como, por exemplo, a metáfora conceitual.

Em Martelotta e Palomanes (2013), encontramos a explicação de que a função dos elementos linguísticos é perspectivar o ponto de vista do falante na comunicação. Isso é possível porque a língua possui recursos que permitem simbolizar a construção mental que o falante faz dos fatos/eventos da vida cotidiana. Em outras palavras, para a Linguística Cognitiva, a comunicação é uma atividade compartilhada e, por isso, o uso que os falantes fazem da língua é fator importante para a explicação do fenômeno da significação.

A pesquisa empreendida neste Trabalho de Conclusão de Curso demonstra que os estudos da Linguística Cognitiva podem contribuir para o processo de ensino de língua materna, na medida em que dá suporte para o professor compreender que, a partir da forma linguística, é possível chegar aos processos cognitivos usados para a construção do significado na interação comunicativa. Isso não quer dizer que o professor vai explicar processos cognitivos aos seus alunos, mas aproveitar o suporte teórico advindo desses estudos sobre o nível semântico, de forma particular no caso das preposições, para possibilitar, em síntese, uma prática de ensino voltada para a almejada reflexão do uso da língua.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. - 37. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CANÇADO, Márcia. Hierarquia temática: uma proposta para o PB. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 17-43, 2003. Editora UFPR.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. - 48. ed. -São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CUNHA et al Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo** [recurso eletrônico]. Celso Cunha, Lindley Cintra. - 7. Ed. - Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- GARCIA, Débora Domiciano. **PrepNet.Br: uma proposta de representação semântica para as preposições do português**. Tese de doutorado. UFSCAR, 2018.
- ILARI, Rodolfo et al A preposição. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português culto falado no Brasil: volume IV: palavras de classe fechada**. São Paulo: Contexto, 2021.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 56ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- LOPES, Gláucia Antonovicz. **A semantização do elemento em: dados do português paulista dos séculos XVIII e XIX segundo a abordagem multissistêmica e a Linguística cognitiva**. Tese de mestrado. USP, 2017.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.